

## APRESENTAÇÃO

Nesta terceira edição de 2017 a Ribanceira reúne artigos dos estudos literários e dos estudos linguísticos, compondo um mosaico das atuais pesquisas desenvolvidas na área das Letras no Brasil.

Abrindo a edição, o artigo de Heloisa Juncklaus Preis Moraes e Luiza Liene Bressan, intitulado “Apoteose simbólica às margens de um rio: o enredo da Portela em 2017 pela perspectiva do imaginário”, apresenta uma discussão dos principais conceitos da teoria do Imaginário, principalmente os vistos em Durand (2002) e Bachelard (2016), para analisar o enredo da escola de samba Portela no ano de 2017.

Isabela Chaves Silva, em “Dalton Trevisan e sua filiação ao conto tchekhoviano: diálogo entre periferias do capitalismo” promove uma análise comparativa dos contos “Angústia do viúvo”, do escritor brasileiro, e “Angústia”, do artista russo, corroborando como Trevisan vincula-se ao modelo de conto tchekhoviano.

Em “A narrativa irônica de Clarice Lispector”, Carlos Roberto dos Santos Menezes afilia o poetar pensante de Clarice Lispector à tradição irônica de composição do romance moderno. O autor mostra que desde Cervantes há uma linhagem de escritores que fazem do espaço ficcional uma forma artística de reflexão crítica sobre o próprio ato de escrever. E a autora brasileira compõe um texto aparentemente em êxtase, que se volta para o seu próprio fazer-se, cuja vitalidade está inseparavelmente do próprio ato de narrar.

Marcos Teixeira de Souza, em “História e memória: as interfaces de uma mesma face em *Motta Coqueiro* ou a pena de morte” rememora o caso real do último enforcamento no Brasil, o do fazendeiro Motta Coqueiro, suposto mandante de um violento crime ocorrido no norte fluminense em 1852, controverso até a presente data, contra uma família de agregados, que vivia nas terras do citado fazendeiro. O artigo discute algumas relações entre história e memória neste romance de Patrocínio.

Em “Relações de poder e militarismo em *A cidade e os cachorros*, de Mario Vargas Llosa”, Janara Laíza de Almeida Soares analisa as relações de poder no primeiro livro de Vargas Llosa, *A cidade e os cachorros*, publicado em 1962, dando ênfase ao difícil processo de vivência dos estudantes (personagens) da obra, explorando as relações de poder e abusos impostos pela conduta militar, contra os quais o autor peruano vai lutar tanto em sua vida pessoal quanto em sua obra literária.

Natália Lima Ribeiro, em “A poesia de Max Martins: habitar a linguagem”, pensa e interpreta a questão da linguagem enquanto morada ontológica do homem, lugar de criação e

travessia humana na obra do poeta paraense Max Martins, *Para ter onde ir* (1992), em diálogo com o pensador Martin Heidegger, mais especificamente no livro *A caminho da linguagem* (2012).

No artigo “Os documentos oficiais e os professores de língua portuguesa: entre o legal e o desconhecido”, Bonfim Queiroz Lima e Márcio Araújo de Melo verificam nos documentos oficiais brasileiros quais são as orientações para o ensino de literatura no ensino médio, e se estas orientações estão alcançando seus objetivos. Para tanto, os autores apresentam o resultado de uma pesquisa que teve a participação de membros de uma escola de ensino médio do Pará.

Em “Linguagem e sociabilidades: lacunas na produção acadêmica de 2004-2013”, Anderson Patrick Rodrigues verifica o que dizem Teses e Dissertações sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica, defendidas em Programas de Pós-graduação brasileiros entre 2004 e 2013. Os resultados revelam que o estudo sobre as sociabilidades adolescentes neste período nada falam sobre como as influências da linguagem na construção das sociabilidades entre adolescente escolares.

Ilza Galvão Cutrim e Maxhemyliano Silva Marques, no texto “O materialismo histórico na epistemologia da análise do discurso”, analisam o Materialismo Histórico como campo constituinte da Análise do Discurso (AD) a partir da concepção inicial da AD, concebida por Pêcheux e Fuchs, cujo interior articulava três regiões do conhecimento. Para o presente trabalho, os autores dão foco ao Materialismo Histórico, considerando a leitura que Pêcheux fez de Althusser, e este de Karl Marx.

Ivan Vale de Sousa, em “Letramento literário e tecnologia na escola inclusiva” aborda questões sobre o letramento literário, verificando, para tanto, as discussões deste tipo de letramento na proposta de Educação Inclusiva, averiguando ainda a acessibilidade tecnológica nas propostas de ensino-aprendizagem. O autor procura repensar a escola como espaço de todos na equalização dos discursos escolares.

No artigo “A simbologia da água em *Água viva, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres e Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector”, Victor Hugo Pereira de Oliveira estuda a maneira como Clarice Lispector explorou a rica simbologia da água em *Perto do Coração Selvagem, Água Viva e Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Para dar conta de sua pesquisa, o autor se baseou em pesquisa bibliográfica e aplicação do referencial teórico ao *corpus*, em busca do significado da simbologia da água presente nas respectivas narrativas.

No texto “Políticas públicas de formação continuada para professores em cultura digital: um estudo da estrutura e organização curricular do Curso de especialização Educação na Cultura digital”, Rosivaldo Gomes apresenta algumas reflexões a respeito de políticas públicas de formação continuada em educação digital oferecidas pelo Ministério da Educação (MEC) para professores da educação básica. Rosivaldo afirma que a opção por formar professores para atuarem no contexto da cultura digital e para o uso das tecnologias e mídias digitais em sala de aula começa a ser um tema que entrou na agenda do MEC e de suas secretarias.

A resenha de Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui e Jonilson Pinheiro Moraes, intitulada “Multiletramentos e gêneros discursivos na hipermodernidade”, tece comentários pertinentes sobre o livro de Roxane Rojo e Jacqueline Barbosa, *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*, lançado em 2015.

Paula Renata Lucas Collares Ramis, na resenha “*O meu amante de domingo: uma resenha*”, reflete sobre as experiências da autora Alexandra Lucas Coelho no gênero literário do romance, que traça os planos de vingança de uma personagem feminina que se sente traída por vários homens. A resenhista é categórica ao afirmar que, na trama, há um motivo de vingança como metáfora da luta contra a opressão feminina.

Boa leitura!

Elielson de Souza Figueiredo & Raphael Bessa Ferreira

Editores da Revista Ribanceira